

# Michel Leiris e o sagrado da escritura

**Pedro Gondim  
Davis**

Graduado no Curso  
de Ciências Sociais /  
UFMG

**Palavras chave:**

Michel Leiris,  
escritura,  
embriaguez e  
experiência.

**Key words:**

Michel Leiris,  
writing, inebriation,  
experience.

**RESUMO:** Este ensaio refere-se, fundamentalmente, à produção do diário pessoal de Michel Leiris durante a expedição francesa Dacar-Djibuti à África, no início da década de 1930. O que se sugere é uma aproximação entre a devoção com que Leiris se entrega às suas notas e as noções de experiência e de embriaguez desenvolvida por Walter Benjamin.

**ABSTRACT:** This essay refers fundamentally to the production of Michel Leiris' personal diary during the French Dakar-Djibouti expedition to Africa in the early 1930s. What it suggests is a connection between the devotion in which Leiris writes his notes and notions of experience and inebriation developed by Walter Benjamin.

*"O homem que lê, que pensa, que espera, que se dedica à flânerie, pertence, do mesmo modo que o fumador de ópio, o sonhador e o ébrio à galeria dos iluminados. E são iluminados mais profanos. Para não falar da mais terrível de todas as drogas — nós mesmos — que tomamos quando estamos sós."*

Walter Benjamin

1931. 19 de maio. Partida de Bordeaux às 17h50 (LEIRIS, 2007, p. 55).

É, de certa forma, com esse primeiro apontamento no diário de Michel Leiris que se inicia o percurso rumo a África que, ao passar de dois anos, teria seu fim anunciado de véspera, no dia 16 de fevereiro de 1933 quando, ainda na embarcação que rumava de volta à França, Leiris escreve, "amanhã de manhã, por volta das 7h, entraremos no porto de Marselha" (2007, p. 671). Antes, no entanto, de tocarmos no ponto que desejo desenvolver, a saber, a sugestão de uma relação instaurada a partir da devoção e da disciplina as quais Leiris se entrega ao redigir o seu diário e as reflexões sobre experiência e embriaguez tecidas por Walter Benjamin, há que se esclarecer, ainda que brevemente, algumas das condições e contextos que viabilizaram e estimularam a realização de tão grandiosa empresa, as expectativas oficiais que a empreitada carregava junto de si ao lançar-se ao oceano, bem como as inquietações íntimas e artísticas que serviam de diretrizes para os trabalhos do autor àquele tempo.

A Missão Etnográfica e Lingüística Dacar-Djibuti foi uma iniciativa que contou com o apoio de setores públicos e também de setores privados da sociedade francesa do começo dos anos 1930. Organizada pelo Instituto de Tecnologia e pelo Museu de História Natural, contava com o suporte de ministros de governo, de grandes fundações de pesquisa e de governos coloniais. Buscando cumprir um trajeto que cruzaria o

continente africano de oeste a leste, partindo do Senegal, os pesquisadores tinham por principais objetivos a coleta da maior quantidade possível de artigos de povos considerados exóticos (que alimentariam os acervos de museus parisienses) e a obtenção de volumosos registros fotográficos e audiovisuais de populações que, ocupando a posição extremamente vulnerável de dominados no contexto colonial daquele período histórico, estariam correndo o risco de desaparecer<sup>1</sup>.

Chefiada por Marcel Griaule, que anos antes já havia feito incursões etnográficas no continente africano (tornando-se assim um dos pioneiros na realização de pesquisas etnográficas na França)<sup>2</sup>, a equipe era composta por naturalistas, por lingüistas, por musicólogos e por técnicos que auxiliariam nos registros – sendo que a função desempenhada por Leiris durante sua estada na África é um dos pontos-chave para que se comece a compreender a possibilidade de composição de *L'Afrique fantôme*, que viria a ser publicado pela primeira vez na França em 1934<sup>3</sup>.

Ocupando o cargo de secretário-arquivista da missão, Leiris não podia ser enquadrado nem como um especialista (visto que havia pouco tempo que estudava antropologia), tampouco como um mero auxiliar. Entre outras incumbências, ele era o responsável pela realização de entrevistas, pela catalogação dos artefatos adquiridos e pelo registro historiográfico da expedição. Ou seja, fundamentalmente, tudo o que lhe cabia era escrever – e escrever sob o implacável rigor do correr dos dias e sob a inabalável crença no avanço da ciência que aquele grupo carregava consigo, junto a caixas e mais caixas repletas de artigos etnográficos coletados – a todo custo – em campo.

Contudo, se o registro incessante era o seu ofício, esse era também o seu deleite e o seu fardo, a sua redenção e a sua prisão (Lei-

<sup>1</sup> Como reforça Peixoto: "da associação estreita entre museus e poder colonial, entre fins do século XIX e inícios do século XX, resulta um modelo de investigação animado pelo afã colecionista e salvacionista. Trata-se de registrar línguas, costumes, imagens rituais, músicas, elementos da cultura material etc., coletando-os para integrar os museus ocidentais, no caso o Museu do Homem, de Paris" (2007, p. 19).

<sup>2</sup> Apesar de já tributária de uma escola sociológica consolidada no final dos anos 1920, a antropologia francesa ainda não possuía tradição na prática etnográfica. Nomes como Lévy-Bruhl, Durkheim e Mauss sempre estiveram ligados à chamada antropologia de gabinete. Portanto, a missão pode também ser considerada um esforço coletivo visando a inclusão da prática etnográfica nos quadros constituintes da antropologia naquele país.

<sup>3</sup> Breves comentários de Leiris acerca da recepção ao livro nos anos decorrentes ao seu lançamento estão no prefácio à edição da obra publicada em 1951.

ris chegou a comparar sua atividade ao mais odioso dos grilhões). Pouco antes de viajar para África, Leiris já havia iniciado o projeto daquela que pode ser considerada a sua autobiografia; traduzida para o português com o título de *A idade viril* (2003) e primeira obra publicada pelo autor após o lançamento de *A África fantasma* (2007)<sup>4</sup>. De acordo com Susan Sontag, “em vez de uma história de sua vida, Leiris [em *A idade viril*] nos apresenta um catálogo de suas limitações [...] uma seqüência de desvendamentos íntimos de um temperamento covarde, mórbido e deteriorado” (1987, pp.78-81). “Além de sentimentos de repúdio, de nojo e de frustração para consigo mesmo, presentes em ambas as obras, James Clifford destaca que o modo como sua coleção autobiográfica se apresenta arranjada em *A idade viril* não está totalmente desvinculada do aprendizado prático e técnico adquirido por Leiris durante o tempo que esteve em campo, uma vez que o que se observa ali “é simplesmente a coleção cronológica de citações e instantes [...] [um] arranjo antológico do self [que] ainda cultiva um ponto de vista fotográfico – um ponto de vista documental, quase-científico, mas também um tom surreal” (1988, p. 72)<sup>5</sup>.

Como acontece com o texto que introduz *A idade viril* (*Da literatura como tauromaquia*), a preocupação em evidenciar o seu projeto é também percebida nos esforços empreendidos pelo autor na composição de prefácios, preâmbulos e notas explicativas em *A África fantasma*. A tradução para o português, editada em 2007 pela CosacNaify, contém entre preâmbulos, prefácios e prospecto, quatro textos introdutórios redigidos por Leiris à guisa de esclarecimentos; além de outros dois projetos de “Prefácio” que, apesar de estarem ambos registrados somente no dia 4 de abril de 1932, tomaram do autor dois dias inteiros de trabalho e reflexão. Afora o papel de esclarecer e justificar o (ainda) não-mais-que-provável texto a ser publicado no futuro (“Desde a origem, ao redigir este diário, lutei contra um veneno: a idéia da publicação” (2007, p. 304)), o prefácio também tem para Leiris a função de apresentar a tese que ele julga orientar toda a sua produção durante aquele período: “Trabalhei, desde ontem, na redação de um projeto de ‘Prefácio’ para a eventual publicação destas notas. Tese: é pela subjetividade (levada a seu paroxismo) que se alcança a objetividade” (2007, p. 300).

Portanto, uma aproximação entre essas duas obras, ainda que não seja o caso de desenvolvê-la por ora, não é de todo inútil, uma vez que nos ajuda a entender um pouco melhor o contexto pessoal em que Leiris escrevia naquele momento, bem como as direções estéticas e formais apontadas pelo autor.

\*\*\*\*\*

Michel Leiris parte para a África com o objetivo manifesto de se distanciar do mundo ocidental regido pelo capitalismo, que, segundo ele, cada vez mais, impossibilitaria qualquer contato humano sincero. Além disso, trata-se de um empreendimento probatório, viagem longa rumo ao desconhecido, que se apresenta, a

princípio, como uma fuga e uma saída radical que amainaria suas obsessões – sendo a consciência da morte a mais significativa dentre elas.

O então noviço, que havia se interessado pela antropologia alguns anos antes dessa jornada, encontra em sua nova atividade um ofício que lhe garantirá o sustento até o fim da vida. A equação está dada – é poeta; *torna-se* antropólogo<sup>6</sup>. Contudo, não se pode dizer que o primeiro “produto” da sua antropologia deva ser tomado como uma obra que implique uma continuidade entre o seu status de poeta/escritor e a sua nova atribuição de antropólogo/etnólogo. Seria equivocado afirmar que o seu projeto estivesse apoiado somente nas reflexões acerca do lugar de sua fala ou na problematização (ou exacerbação) do seu ponto-de-vista; ele apóia-se, sobretudo, no registro minucioso de sua experiência. Logo, não é exatamente de subjetividade que se trata. O que está em jogo é a experiência que emerge da singularidade da relação<sup>7</sup>.

Refletir e especular a partir da singularidade da sua experiência e fazer, assumidamente, desse exercício testemunhal um dos motores e uma das faces da sua antropologia é o que possibilita a revelação de um “lugar antropológico” que não se preenche a não ser com manifestas porções generosas de encanto e de repulsa, de lirismo e de tecnicidade ou ainda de desejo e de ódio – embates que têm morada permanente na alma e na pena daqueles que se dão ao desconhecido (pena que, riscando teimosamente o papel, se constitui como o derradeiro caminho rumo à salvação e à sempre almejada redenção).

\*\*\*\*\*

Foi em sua juventude que Leiris travou os primeiros contatos com o movimento surrealista, que tinha como principal expoente André Breton. Mais do que uma doutrina ou uma “idéia definível”, Breton afirmava que o surrealismo era uma “atividade” (CLIFFORD, 2002, p. 132). Atividade esta belissimamente descrita por Benjamin (1985), que a apresenta através de uma imagem na qual o domínio da literatura é explodido de dentro – “na medida em que um grupo homogêneo de homens levou a ‘vida literária’ até os limites extremos do possível”. Orientado pelo desejo “de romper com uma prática que entrega ao público os precipitados literários de uma certa forma de existência, sem revelar essa forma”, o movimento surrealista se apóia em técnicas de escrita que valorizam inesperadas justaposições, fragmentos, coleções curiosas além de incorporar o domínio dos sonhos e dos desejos. (1985, p. 22).

O que, no entanto, costuma estar muito associada à atividade surrealista é a busca de uma dimensão embriagada da experiência perseguida por seus autores. Sobre este ponto, Benjamin aponta um interessante movimento dialético em que “o processo pelo qual a embriaguez abala o EU é ao mesmo tempo a experiência viva e fecunda que permitiu a esses homens fugir ao fascínio da embriaguez” (1985, p. 23). Ou seja, a embriaguez é, ao mesmo tempo, uma atividade e a consequência direta desta mesma atividade. Almejada enquanto

<sup>4</sup> Em *Da literatura como tauromaquia*, texto que prefacia *A idade viril*, o autor afirma que foi no ano de 1935 que o livro foi dado por finalizado.

<sup>5</sup> Todas as traduções dos textos em línguas estrangeiras foram feitas por mim.

<sup>6</sup> Sontag classifica essa guinada como uma “surpreendente mudança – de boêmio e poeta a estudioso e burocrata de museu” (1987, p. 78).

<sup>7</sup> Nos anos 30, Benjamin teve no conceito de “Experiência” um dos pontos centrais do seu pensamento. Há, porém, uma distinção a ser destacada. *Erfahrung* é a experiência coletiva e comunicável; pode ser transferida de uma geração a outra por existirem relatos e vivências comuns ao narrador e ao ouvinte. *Erlebnis* é a “experiência vivida, característica do indivíduo solitário” (1985, p. 9): “é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca” (BONDÍA, 2002, p. 21). Para Benjamin, o avanço do capitalismo e o domínio da técnica promoveram a aceleração dos processos de produção e o distanciamento entre gerações, tornando a *Erfahrung* cada vez mais pobre. Por outro lado, a pobreza de experiência comunicável permite aos jovens a liberdade de viverem toda e qualquer experiência (*Erlebnis*).

instante fugaz capaz de nos colocar em contato com aquilo que nos excede, com aquilo que está além das nossas percepções e vivências usuais, a embriaguez é também a própria atividade intensa – experiência viva e fecunda – que nos permite alcançar esses instantes fugidios e que, ao fim e ao cabo, nos possibilita marcar no curso do tempo o progresso regular de nossas vidas – uma vez que, em se tratando de uma atividade intensa, se faz necessária uma postura em que a dedicação e a disciplina são fundamentais – e assim, portanto, reassentando-nos em um estado não-embriagado da experiência.

Vale destacar que a embriaguez que me interessa aqui não é aquela que é associada, usualmente, ao êxtase religioso ou aos êxtases produzidos pelas drogas. Benjamin cunha o termo “iluminação profana”, que seria uma dimensão extra-religiosa de acesso ao sagrado e também uma via de acesso extra-alucinógena à embriaguez. Como acontece com o estado embriagado, a iluminação profana também pode ser pensada da mesma forma, ou seja, ao mesmo tempo causa e consequência do acesso a este sagrado. O percurso que se faz sagrado. Ou ainda, uma via de acesso à experiência do sagrado que se apresenta esvaziada de significado dado de antemão, podendo ser preenchida por aquilo que exerce o fascínio e a redenção para cada um que se propõe a trilhá-la. Cada qual que escolha a embriaguez que melhor lhe convir e as vias que lhe guiarão até ela: lá estará o seu sagrado.

Não posso deixar de pensar em Leiris quando Benjamin nos fala em embriaguez. Penso em *A África Fantasma* como uma espécie de “parte embriagada” da sua atividade antropológica. Contudo, a associação proposta não sugere, necessariamente, que se esteja tentando evocar alguma nova teoria excepcional presente ou suscitada por esta obra. Não se trata de destacar (ou defender) uma nova teoria que venha contaminar perversamente a doxa da disciplina, que se proponha a entorpecer, embebedar e embaralhar as pernas da antropologia. Ainda que hoje o livro possa ser lido como um dos primeiros e mais incisivos exemplos de uma maneira diferente de se pensar a antropologia, na qual a análise da implicação do pesquisador em seu trabalho de pesquisa é posta também em destaque, ao invés apenas do material pesquisado, não é este o ponto que quero destacar<sup>8</sup>.

Mais do que as implicações teóricas e epistemológicas provocadas pelas idéias sugeridas por Leiris, o que me interessa por ora é o simples fato de este livro ser um diário. Um diário que, pela própria natureza da empresa, traz consigo a imprescindível disciplina e o árduo rigor de conduta dos quais falei anteriormente. É a dimensão pautada pela intensidade da atividade de escritura o que mais fascina nesta obra de Leiris; e é essa disciplina que eu associo à embriaguez benjaminiana<sup>9</sup>.

Seu sagrado é o seu diário, e a devoção com que se entrega à redação de suas notas é, ao mesmo tempo, sua própria embriaguez (vivência e experiência do sagrado). É a sua via de acesso a esta embriaguez além de ser também aquilo que lhe permite situar-se no tempo e fixar sua

existência nos dias de um calendário – existência fantasmagórica que, talvez, já não faria o menor sentido caso ele não tivesse por obrigação escrever, a cada dia, a data daquele mesmo dia no alto de uma folha em branco qualquer. Sobre este ponto vale destacar um trecho de *O mal de Montano* (2005), no qual Enrique Vila-Matas recuperará Maurice Blanchot (2005, p. 168-169),

*“Como observara Blanchot, o diário, tão dócil aos movimentos da vida e capaz de todas as liberdades — já que sonhos, ficções, pensamentos, comentários sobre si mesmo, acontecimentos importantes ou insignificantes, tudo cai bem no diário, na ordem ou desordem que se quiser —, está submetido, contudo, a uma cláusula de aparência superficial mas terrível: deve respeitar o calendário”*

É claro que há uma série de diários, de formas de se escrever um diário e de estímulos e de expectativas ao se escrever um diário. O motivo pelo qual fiz a escolha de escrever aqui sobre Leiris e o seu diário nos remete, principalmente, a uma declarada afinidade eletiva. Nas palavras de René Lourau (1988, p. 107);

*“O exemplo limite de Leiris não sugere um novo manual de etnografia, de sociologia, ou, mais genericamente, de trabalho intelectual. Melhor que um modelo, ele se constitui como um instrumento de reflexão infinita para a análise das implicações do pesquisador nos atos (faltosos) da pesquisa.”*

Portanto, trata-se de um autor e de uma obra que inspiram não somente pelas implicações teóricas decorrentes de suas reflexões, mas especialmente pela relação travada pelo autor, via o exercício permanente de escritura, com sua posição de antropólogo em campo e em vida. Uma postura antropológica que põe em voga de maneira incisiva a atividade e a experiência em que se está empenhado, e não exclusivamente o produto final que se espera alcançar. Uma postura que, escancarando seus próprios equívocos e insuficiências, se mostra reveladora na medida em que sua intensidade experimental da lhe permite extrapolar a dimensão da descoberta e da revelação acerca apenas do outro.

Sendo assim, no caso da minha predileção pelo diário de Leiris, trata-se de uma questão de Escolha, e não de uma questão de Escola.

\*\*\*\*\*

O diário de Leiris é descrito por Clifford como um “monstro” – “533 densas páginas de etnografia, diário de viagem, auto-exploração, ‘oneirografia’. Um livro que não é uno” (1988, p. 165). O que há de se destacar aqui, no entanto, não é uma ou outra leitura específica que possa vir a ser feita dessa obra fragmentária. O que me interessa é a sistematicidade e a devoção com que Leiris se dedica à escritura de seu diário. Independentemente do que havia para ser escrito ou de qual fosse o interesse particular

<sup>8</sup> “A África fantasma representa a primeira vez na França – e, acredito eu, no mundo todo – que a pessoa do antropólogo apareceu na literatura. Não foi antes de meio século mais tarde que, observa ele [Lévi-Strauss], o fato dos antropólogos se fazerem visíveis para os seus leitores se tornou aceito de uma forma geral na disciplina” (Lévi-Strauss apud Price, 2004, p.25).

<sup>9</sup> Refletir sobre a “escritura” não é a intenção deste ensaio, porém, vale um breve comentário. *Écriture*, conceito chave na filosofia de Derrida, em português, pode ser tanto escrita quanto escritura. Utiliza-se a segunda tradução caso o objetivo seja destacar o seu sentido alegórico – o que parece adequado, visto que Leiris se diz habituado “a proceder sempre por alusões, por metáforas” (2003, p. 43). Há, ainda, outro ponto. Derrida indica que materialidade do registro escritural determina um ato de violência em que a separação, a marca e a externalidade em relação ao sujeito é evidenciada: “há, pois, aí, todo um sentido de intromissão, de separação e de alteração de um espaço” (GOULART, 2003, pp. 23). Dada, portanto, a relação entre a experiência vivida e a embriaguez suscitada a partir da sua retomada escritural, e a posição/postura de Leiris naquela missão científica em uma África dominada e subjugada, parece-me proveitoso evocar a escritura derridiana.

em cada um dos trechos da expedição, Leiris passa pouquíssimos dias sem se entregar às suas notas. Durante os quase dois anos que esteve na África foram raros os dias que não foram feitos apontamentos.

A divisão (editorial?) do livro em duas partes se presta a marcar bem, em termos gerais, dois grandes momentos da expedição. A primeira parte, itinerante, pode ser lida principalmente como um relato acerca da própria empresa e da equipe que está engajada no intento. É composta pelos percalços enfrentados, pelas chegadas e partidas, pelas relações construídas e deixadas para trás. Fatos corriqueiros e problemas de ordem prática também são presença constante. Aqui, a atividade de escritura aparece constantemente associada ao tédio e ao ócio, já que, apesar dos constantes deslocamentos e das atribulações recorrentes dessas idas e vindas, ainda não existe um objeto ou uma questão que ocupe o primeiro plano da pesquisa, que solicite de maneira inalienável uma participação intensa e efetiva. Esses interesses – cambiantes – surgem de maneira ocasional, ao sabor das circunstâncias e, pouco a pouco, vão sendo deixados para trás dada a necessidade do progresso da missão.

É curioso notar, no entanto, que, ironicamente, seja exatamente ao período de deslocamento intenso que estão associados o ócio e o tédio. A frustração constante acerca dos primeiros anseios ligados tanto à pesquisa quanto aos seus próprios desejos de ordem íntima só é suportada uma vez que registrada em seu diário. A escritura, apesar do fardo da obrigatoriedade, se mostra como única atividade possível de satisfazer a sensação de fracasso que permeia, principalmente, os meses iniciais de Leiris na África. Escrever, afinal, era o que lhe restava. Ainda que a marcha dos dias não se apresentasse gloriosa, tampouco os temas fossem tidos como nobres, escrever era o que lhe cabia dentro daquela missão; era, talvez, a única forma de se sentir útil diante de seus companheiros, aos seus olhos, viris e destemidos.

Há, no entanto, a segunda parte do livro, momento em que a expedição se vê presa em Gondar, fronteira da Etiópia. A tensa situação política deste país, o único a ser investigado pela missão que ainda não fora colonizado, dificulta o acesso da equipe ao seu território.

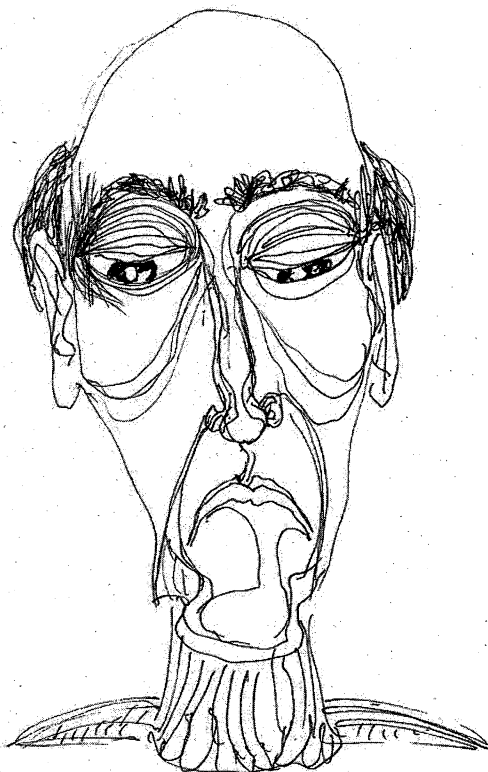
*"Então a Etiópia, nunca colonizada, interrompe o progresso regular da expedição e provoca as mais longas e conturbadas páginas escritas pela caneta do secretário-arquivista. Aqui a missão se depara com o primeiro sério obstáculo à sua autoridade; é obrigada a alterar o seu curso, e faz o que é possível de ser feito, dada a tensa situação política. Em Gondar, Leiris luta com a troca de papéis, com as decepções, com o erotismo indomesticado do seu trabalho junto aos zar iniciados; e acaba perdendo o pouco que restava da confiança necessária para se redigir uma história autoritária sobre a África. A narrativa contida no nome da*

*missão não revela o dia-a-dia efêmero do seu diário"* (CLIFFORD, 1988, p. 169)

Como se pode notar no trecho destacado acima, a segunda parte do livro representa uma guinada na relação de Leiris com todo o processo em que estava inserido. Essa transição pode ser percebida mais distintamente na relação de Leiris com três elementos específicos e recorrentes durante toda a expedição: a equipe da qual faz parte, a questão a ser pesquisada e a própria escritura<sup>10</sup>.

Longo período de imobilidade geográfica (guerra de trincheira que isola, perturba e alucina); foi durante os meses que a expedição esteve impedida de progredir que Leiris imergiu de maneira intensa nos estudos do culto de possessão do zar. Agora, que o foco principal da missão (a coleta do maior número possível de objetos e de informações etnográficas que serviriam de acervo para o Museu do Trocadéro) e da sua própria atividade oficial como secretário-arquivista (fazer o relato e a historiografia da viagem, além de catalogar todos os objetos coletados) pareciam estar prejudicados, surge um novo e urgente estímulo para suas notas. Estando finalmente em contato direto com a dimensão religiosa do sagrado, Leiris "parece ter transformado seus companheiros de equipe em zumbis, em fantasmas" (LOURAU, 1988, p. 104). Apesar da falta de deslocamento – o que poderia estar associado à idéia de marasmo –, o envolvimento com os zar iniciados e com a população abissínia é, retomando Clifford, responsável "pelas mais longas e conturbadas páginas escritas pela caneta do secretário-arquivista" (1988, p. 169).

Há, porém, uma diferença fundamental de postura que é extremamente importante para



<sup>10</sup> Em relação ao segundo item enumerado, ou seja, a questão a ser pesquisada, vale destacar a observação feita por Lourau: "A preocupação teórica mais freqüentemente manifestada no livro de Leiris, ao que me parece, é a do sagrado" (1988).

se pensar a relação de Leiris com o ato de escritura e com sua forma de experienciar este sagrado (religioso) que se apresentava diante dele. Como nos afirma Lourau (1988, p. 104),

*"Leiris não busca, diferentemente de Artaud ou de qualquer outro etnólogo, iniciar-se em um culto que curaria, ao menos provisoriamente, suas feridas. Ele permanece como espectador, mais ou menos ativo e participante. Ele se recusa ao risco do transe, da possessão, tudo pela busca, através da fascinação destes estados "surrealistas", de um encontro com ele mesmo"*

Existe uma passagem em *A África fantasma*, destacada por Clifford (1988, p. 168), que é muito elucidativa acerca de como se dava o envolvimento de Leiris com aquele sagrado:

*"Mas A África fantasma retrata o surrealismo-etnográfico emaranhado na escrita — ele mesmo através dos outros. Direcionando-se para o final de um intenso período de investigação sobre a possessão zar na Etiópia, um sacrifício é feito especificamente para Leiris. Seu diário registra que ele provou o sangue do animal, mas não dançou o gourri, a dança do possuído. Nós o vemos sentado entre os zar iniciados; o ambiente adensado por incenso, suor e perfumes. Sua cabeça é untada com manteiga, e — tal qual é requisitado pelo ritual — as entranhas do animal morto são enroladas em volta de sua testa. Ele, no entanto, não interrompe suas anotações"*

Percebe-se, portanto, que sua atividade intensa não consiste em dançar freneticamente até alcançar o transe, nem em tocar os tambores junto dos nativos, muito menos em se iniciar em um culto e tornar-se parte ou membro ativo de uma seita secreta, podendo assim descobrir os detalhes e os segredos que a fazem tão fascinante — afinal, como nos lembra Benjamin, "de nada nos serve a tentativa patética ou fanática de apontar no enigmático o seu lado enigmático; só devassamos o mistério na medida em que o encontramos no cotidiano, graças a uma ótica dialética que vê o cotidiano como impenetrável e o impenetrável como cotidiano" (1985, p. 33).

O que quero destacar aqui é que Leiris faz uma opção, talvez a única que lhe seja possível. A sua via de acesso ao sagrado e o seu próprio sagrado em si consistem na atividade intensa a qual ele se entrega por inteiro: a escritura. Inclusive, ao fazer desta atividade, sempre, a preocupação maior da sua empreitada, ele sacrifica a possibilidade de comunhão com o sagrado do outro, que se mostrava inebriante a sua frente: durante o culto de possessão do zar ele está escrevendo. A escritura, solitária e isolada, é a experiência que lhe permite acionar o seu sagrado. O que o embriaga é a experiência que transborda em escritura (ato e objeto).

O fascínio e o horror que o sagrado alheio lhe despertam poderiam, talvez, serem pensados como a substância inflamável que reveste o fio trançado que leva o fogo até a dinamite: aquilo que, de alguma maneira, conduz e ajuda a manter aceso o seu estado embriagado. O seu fogo, no entanto, só se acende no momento da escritura; e a faísca que desencadeia todo esse processo irrompe a cena na ocasião exata em que o raspar suave do grafite ou o atrito preciso do bico da pena riscam a pauta da folha em branco.

Submetido em março de 2010

Aprovado em junho de 2010

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENJAMIN, Walter. (1985). *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo, Brasiliense.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. (2002). "Notas sobre a experiência e o saber da experiência". *Revista Brasileira de Educação*, nº 19, jan/fev/mar/abr 2009: 20-28. Tradução de João Wanderley Geraldi.
- CLIFFORD, James. (1988). "Tell about your trip: Michel Leiris", in J. Clifford (orgs.), *The predicament of culture: twentieth-century ethnography, literature, and art*, Cambridge; London, Harvard University Press.
- \_\_\_\_\_. (2002). "Sobre o surrealismo etnográfico", in J.R.S. Gonçalves (orgs.), *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*, Rio de Janeiro, Editora UFRJ.
- GOULART, Audemaro Taranto. (2003). "Notas sobre o desconstrucionismo de Jacques Derrida" <<http://www.ich.pucminas.br/posletras/Producao%20docente/Audemaro/Derrida%20-%20Desconstrucao.pdf>>. Acessado em 30 de junho de 2010.
- LEIRIS, Michel. (2003). *A idade viril: precedido por Da literatura como tauromaquia*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo, Cosac & Naify.
- \_\_\_\_\_. (2007). *A África fantasma*. Tradução de André Pinto Pacheco. São Paulo, Cosac Naify.
- LOURAU, René. (1988). "Michel Leiris: le hors-texte devient texte", in R. Lourau (orgs.), *Le journal de recherche: matériaux d'une théorie de l'implication*, Paris, Méridiens Klincksieck.
- NASCIMENTO, Evandro. (2004). *Derrida*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed.
- PRICE, Sally. (2004). "Michel Leiris, French anthropology, and a side trip to Antilles". *French Politics, Culture and Society*, vol. 22, nº 1, spring 2004: 23-35.
- SONTAG, Susan. (1987). *Contra a interpretação*. Tradução de Ana Maria Capovilla. Porto Alegre, L&PM.
- VILA-MATAS, Enrique. (2005). *O mal de Montano*. Tradução de Celso Mauro Pacionik. São Paulo, Cosac Naify.